



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Mulheres negras na Ciência: uma intelectualidade questionada

Diego de Oliveira Martins¹

Resumo: A partir da análise de fontes documentais, artigos e bibliografias, o presente trabalho busca tratar sobre a mulher negra e cientista no contexto acadêmico. A escrita trata em primeira parte da construção social atribuída à mulher negra, negando seu lugar de gênero, raça, classe e intelectualidade, usando a ferramenta atemporal do racismo e do sexismo para coibir e invalidar o seu poder de construção teórico intelectual. O trabalho mostra como os marcadores identitários de raça, sexo e classe se interseccionaram no sentido de lhes fazer agenciar uma pauta política por direitos de cidadania, educação, denunciando o silêncio frente às múltiplas violências vividas pelo corpo negro feminino dentro de espaços de poder intelectual como a academia e a ciência.

Palavras-chave: Gênero; Raça; Mulheres Negras.

Black woman in Science: A questioned intellectuality

Abstract: From the analysis of documentary sources, articles and bibliographies, the present work seeks to deal with black women and scientists in the academic context. The writing deals in the first part of the social construction attributed to black women, denying their place of gender, race, class and intellectuality, using the timeless tool of racism and sexism to curb and invalidate their power of intellectual theoretical construction. The work shows how the identity markers of race, sex and class intersected in order to make them broker a political agenda for citizenship rights, education, denouncing silence in the face of the multiple violence experienced by the black female body within spaces of intellectual power such as academia and science.

Keywords: Gender; Race; Black women.

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA INTELLECTUALIDADE QUESTIONADA

MARTINS, D. O.

Quando Sojourner Truth ^{II} na Convenção das Mulheres de Ohio, em Ohaio nos Estado Unidos se perguntou “Sou eu uma mulher?”, a noção de identidade foi problematizada em uma simples indagação. Compreender como essa construção ocorre dentro de um contexto social, nos ajudou a elucidar as múltiplas facetas que o racismo e sexismo adquiriu em sua trajetória ao longo da história.

Visto de cima, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural^{III}, o que nos faz enxergar a variabilidade e voracidade que o termo possui dentro da nossa sociedade.

A ideia de racismo, vem intrinsecamente acompanhada de camada opressoras que podem e agem de maneira escalonada. Quando se faz uma leitura social do quão dilacerante pode ser a sua ação, o termo ganha proporções ainda maiores ao relacionamos com gênero e classe, pois o racismo como rota de opressão tende a considerar que características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas, ou seja, torna a subjetividade de mulheres negras algo questionável e passivo de descrédito.

Falar de identidade é falar de origem, de passado; de ancestralidade. As raízes da população negra tiveram uma identidade “dada” e não reconhecida/respeitada, posso dizer que esta foi solapada por uma estrutura social racista, machista e patriarcal. Para compreender a identidade de uma mulher negra, é preciso entender a trama das relações sociais em que está inserida. Sua identidade não é algo construído por si, o controle externo lhe roubou a fala, lhes entregou um lugar marginalizado e a sociedade lhes conferiu barreiras que por muitas não são superadas.

As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.^{IV}

Fala-se da negra que está para servir, para o fazer, fala-se que seu local não é o do prestígio ou do conhecimento, de sua ‘incapacidade’ de pensar e principalmente, da sua impossibilidade de construir conhecimento e refutar teorias. Debelar o pensamento dessas mulheres, é algo que a colonialidade sempre busca fazer, uma estrutura de dominação e exploração que se inicia com o colonialismo, mas se atualiza e se mantém até o presente, mesmo após o fim das administrações coloniais. ^V Diante desta contenda é que se indaga: Quem dará autoridade a esta mulher? Será ela reconhecida e capaz de transforma esse “lugar”, demarcando sua identidade de raça, classe e gênero?

Marcadores sociais como pertencimento étnico-racial, identidade de gênero, idade, condição física, localidade dentre outros atributos de cunho social, sempre definiram a história da mulher, em especial a história das mulheres negras, que foram e ainda são classificadas pelo tom e cor da sua pele.

Os processos de subalternização desse corpo negro tiveram o racismo e o sexismo como categorias usadas para justificar discriminações e subalternidades, explicadas como naturais na vida em sociedade, ocultando-se a construção histórica das desigualdades a partir da cor, do sexo e da condição^{VI}. Usar a ciência para justificar a inferioridade e ratificar a importância do papel subalterno da mulher na sociedade, foi e ainda é, um dos principais comportamentos do machismo e do racismo para objetificar a mulher negra em nossa sociedade, sendo observável tal estratégia, quando buscam reduzir suas capacidades e produções intelectuais a temas

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA INTELLECTUALIDADE QUESTIONADA

MARTINS, D. O.

específicos, tendo como referencial o perfil racial de gênero e raça, ou seja, mulher de cor é invisível no mundo dominante dos homens brancos^{VII}.

Pensar em uma ciência baseada numa epistemologia feminista, até pouco tempo era sinônimo de utopia, algo que se buscava reduzir ao campo das ideias, sem possibilidades visíveis de alcances reais. Mas como o Movimento de Mulheres Negras^{VIII} modificou a ciência e seu *modus operandi*?

Refletir sobre o pensamento e a prática política do movimento de mulheres negras requer a compreensão do lugar “desde onde” falamos, visto que a teoria e a prática estão amalgamadas em torno de um projeto de justiça social e traduzem as resistências e experiências de lutas contra realidades locais concretas de exclusão e discriminação que são construídas “interseccionalmente” pelo racismo, pelas ideologias patriarcais, pelo heterossexismo, pelo imperialismo/ capitalismo global, produzindo contextos históricos específicos e experiências que marcam diferentemente a vida dos sujeitos, a vida de nós mulheres.^{IX}

Podemos dizer que a luta e o combate às opressões alcunhadas pelo feminismo, tiveram como resultado uma importante contribuição para a ciência, especialmente para as que tratam dos estudos sobre a sociedade, a quem denominamos de Ciências Sociais.

Inicialmente o movimento Feminista tinha um caráter generalista, onde a ideia de mulher, assim como as suas opressões eram vistas sob a mesma ótica, o que denominamos hoje “questões de gênero”. Para as que até pouco tempo faziam parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas, não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar.^X

Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto, portanto, para nós se impõe uma perspectiva feminista na qual o gênero seja uma variável teórica, mas como afirmam Linda Alcoff e Elizabeth Potter, que não “pode ser separada de outros eixos de opressão” e que não “é possível em uma única análise.^{XI}

O movimento feminista passou por inúmeras transformações; a luta que se restringia a processo de trabalho e direito ao voto, obrigou o movimento a ampliar seus horizontes, percebendo que a invisibilidade dos processos identitários estava para além de reivindicações meramente política e/ou de ordenamento jurídico trabalhista. O que ilustra a necessidade de que enquanto mulher negra, surge a indignação de aprofundar as reflexões, ao invés de continuar na reprodução e repetição dos modelos que eram oferecidos pelo esforço de investigação das ciências sociais.^{XII}

Esse novo olhar feminista e anti-racista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra^{XIII}. Com isso, o repertório das lutas sofreu ampliações que iriam do público ao privado, abarcando uma multiplicidade de temas, dentre elas estão o direito a existir com dignidade, direito de propriedade, direito à educação e ao trabalho, direito de votar e ser eleita, direito a participar de espaços de poder e decisão, direito a seu próprio corpo, direito a viver livre de violências, direito de viver em igualdade de condições com os homens.^{XIV}

Pontos assimétricos que se tornaram cada vez mais latentes na ordem social e as assimetrias em relação a questão de gênero, raça e classe, o que posteriormente se denominou “opressão de mulheres” tiveram grande notoriedade. Após análises, percebeu-se que questões mais profundas tomavam corpo nos espaços e métodos científicos, se fazendo necessário um combate estrutural também nesse campo, pois até então não se pensava educação ou se promovia intelectualidade refletindo as mulheres.

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA INTELLECTUALIDADE QUESTIONADA

MARTINS, D. O.

O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimentos negros de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro.^{XV}

Pensando nos processos assimétricos, se destacam as ideias universalizantes, que após inúmeros debates e contendas se identificou também a necessidade de revisão sobre essas “verdades absolutas e imutáveis”, dando lugar a novas correntes e pontos de vista. Acerca desse ponto Hirata nos diz:

A ideia de um ponto de vista próprio à experiência e ao lugar que as mulheres ocupam, cede lugar à ideia de um ponto de vista próprio à experiência da conjunção das relações de poder de sexo, de raça, de classe, pois a posição de poder nas relações de classe e de sexo, ou nas relações de raça e de sexo, por exemplo, podem ser dissimétricas.^{XVI}

É importante afirmar que o movimento feminista, em especial dos anos 70 e 80, definido como a segunda onda do feminismo, foi acima de tudo um movimento político. Tinha como objetivo mudar as condições das mulheres, reconhecendo que para isso precisaria mudar o mundo. A partir do projeto abertamente político logo surgiu um projeto intelectual– acadêmico mesmo: a teoria feminista.^{XVII}

Pensado no fator gênero, podemos relacionar a ciência diretamente com o masculino ao falarmos em ciência/cientista pois, historicamente os grandes centros intelectuais só reconheciam este como detentor de conhecimento e capacidade para ocupar tal posto dada a sua natureza de objetividade.

Não é demais reafirmar que os principais pontos da crítica feminista à ciência incidem na denúncia de seu caráter particularista, ideológico, racista e sexista: o saber ocidental opera no interior da lógica da identidade, valendo-se de categorias reflexivas, incapazes de pensar a diferença.^{XVIII}

O fazer científico sempre teve o seu rigor, tendo as ciências, uma grande relação com a ideia de gênero, raça, impessoalidade e objetividade, anulando a subjetividade das teorias para assim ser reconhecido por parte da ciência. Uma perpetuação das correntes positivistas na qual as definições vigentes de neutralidade, objetividade, racionalidade e universalidade da ciência, frequentemente incorporam a visão do mundo das pessoas que criaram essa ciência: homens – os machos – ocidentais, membros das classes dominantes” e, podemos acrescentar, brancos.^{XIX}

Feita as análises, o novo momento, agora com foco político-intelectual, inicia sua quebra pela divisão sexual do trabalho, onde se atribuía razão e objetividade aos homens, sentimento e subjetividade às mulheres o que automaticamente as excluía do fazer científico. A meta não era tornar a ciência mais subjetiva ou mais “feminina”, mas ao contrário fazê-la mais verdadeiramente objetiva, e necessariamente “independente do gênero”.^{XX} Promover uma ciência com viés humano, algo tão inerente a esse espaço, era o maior objetivo do movimento.

Podemos dizer que o feminismo trouxe algumas mudanças notáveis à ciência. Quem poderia prever que o cientista-chefe da NASA seria uma mulher, ou quem esperaria ver a *Science*, debatendo se existe um "estilo feminino" na ciência?, mas ao trazermos a discussão para o âmbito de raça, temos pouco (re)conhecimento de mulheres negras nesse *holl* de sumidades intelectuais.

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA INTELLECTUALIDADE QUESTIONADA

MARTINS, D. O.

Relacionar gênero com o feminino no campo das ciências, por muito tempo foi um desafio e digamos que este ainda não foi amplamente superado, tivemos sim algumas barreiras rompidas e paradigmas que já foram quebrados, mas muito ainda há de se trilhar dentro de temas como gênero, raça e ciência. Para Ochy Curiel:

A relação entre raça, classe, gênero, sexualidade e a colonização e escravidão já foi estabelecida e estudada pelas feministas negras de diversos países. No entanto, muitos dos cientistas sociais, apesar de reconhecerem o aporte das feministas, através de pequenas inferências, de modo geral, raramente as incluem na bibliografia consultada, ficando suas ideias desconhecidas.^{XXI}

Pensar em ciência significa refletir acesso ao conhecimento, sendo este livre, consentido, reconhecido e amplamente disseminado. Ao relacionar conhecimento institucionalizado com a população negra, sabemos que este se deu tardiamente e trazendo para a realidade do nosso país, adicionamos um peso maior sobre esse espaço temporal.

Ao usar o termo conhecimento, refiro-me ao que se valida intelectualmente dentro do campo que chamamos de ciência acadêmica, no entanto sabemos que suas bases se fundamentam para além de espaços como a academia, pois estes se constroem secularmente, nos fazendo enxergar a necessidade de uma revisão sobre acesso, ciência e intelectualidade.

Carolina de Jesus nos mostrou em escritos e dialetos, dada a tradução de suas obras para mais de quarenta países, que para romper a lógica do mercado intelectual não se faz necessário estar e fazer parte dos grandes centros intelectuais. Foi da favela do Canindé em São Paulo, que uma “favelada” foi capaz de construir uma crítica sobre a desigualdade existente entre o centro, denominado por ela como a ‘sala de visitas’ e a favela, ou ‘quarto do despejo’ cujo nome intitula sua obra, local onde se joga tudo aquilo se pretende esconder, demonstrando assim ser tão intelectual quanto o/a acadêmico(a).

Foi na década de 90 que o movimento feminista passou a questionar o tema da universalidade, onde se contrapõe a ideia de que todas as mulheres são atingidas tão somente por questões de gênero e classe, passando o movimento a ter uma discussão com perspectiva interseccional.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.^{XXII}

Um termo que se traduz em convergência ou cruzamento, toma corpo no contexto das feministas negras ao constatar que as questões de gênero tratadas de maneira única, tende a negligenciar pautas específicas que as atingem tão direta e/ou exclusivamente. Tais questionamentos desvelaram a invisibilidade em que se localizavam as mulheres negras dentro do movimento feminista de perspectiva universal, pois esta ocupava a última posição sobre as propostas que ao longo dos séculos nas lutas feministas não as contemplava.

É por isso que várias fragmentações têm ocorrido entre as feministas, já que assumir uma categoria universal de mulher camufla as dominações que algumas mulheres exercem sobre outras. É nesse contexto que surge a categoria *mulheres de cor* - como se auto reconhecem as feministas negras e *chicanas*, para dar conta da complexidade de mulheres que não se encaixam nas categorias de raça, classe ou gênero, já que a categoria *mulher* nega todas as mulheres que não sejam brancas e a categoria *negro* nega as mulheres negras.^{XXIII}

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA INTELLECTUALIDADE QUESTIONADA

MARTINS, D. O.

Reconhecido que as mulheres não são iguais, por tanto sofrem múltiplas opressões, sendo atingidas de maneira singular, os elementos de raça possibilitam e atribuem força intensa nas relações de dominação, atingindo de forma latente a mulher negra em amplos espaços. Por isso, “somente ao perceber gênero e raça como entrelaçados ou fundidos indissociavelmente podemos realmente ver as mulheres de cor”, ver o que está do “*lado oculto do sistema de gênero*”.^{XXIV}

As análises da interseccionalidade se desenvolveram com base em teóricas feministas do norte da América e europeias, ampliando as discussões do movimento, que apesar de intelectualizado sempre sofreu contestação quanto as bases fundantes e epistêmicas, tanto nos meios sociais, ao relacionar o movimento como um composto de anarquistas, quanto na academia, ao legitimar um lugar de incapacidade para essas mulheres, denominando suas produções como meros ditos passionais, teorias repletas de parcialidades e compostas por rigores que jamais deveriam ser reconhecidos pela academia como uma ciência.

Importante frisar que a temática interseccional sempre esteve presente na literatura feminista brasileira, ainda que assim não fosse denominação. À luz, temos Luiza Bairros que questiona o conceito de mulher, ao afirmar que os movimentos de mulheres e negros, devem se configurar em formatos diferentes das feministas do norte da América e Lélia Gonzalez, que trazia em suas obras a noção de gênero, raça e classe, tornando seus escritos atemporais e contemporâneos.

A categoria mulheres de cor, busca dar conta das complexidades de mulheres que não se encaixam nos padrões universalistas, que categorizavam opressões num reduto onde se negava às mulheres negras o direito de serem reconhecidas como humanas e por conseguinte, mulher.

Reconhecer sua(s) identidade(s) e enaltecer suas capacidades sociais, são lemas que servem como guia para as mulheres negras dentro dos movimentos pois, apesar de tantos desmontes e quebrar de paradigmas, a institucionalização da sociedade racista busca apagá-la, cerceando seus direitos políticos, sociais e intelectuais.

A partir desse ponto de vista, é possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades.^{XXV}

Início este parágrafo para despertar o gatilho que nunca falamos no singular quando se tratar a temática da opressão direcionada às mulheres negras; seja no Brasil, América Latina, do Norte, África ou em qualquer nação onde circule seu corpo, sua luta e sua história. Durante muito tempo as epistemologias feministas mantiveram-se em silêncio, construindo conhecimentos historicamente dominados, pautando por muitas vezes um discurso racista, classista e excludente promovendo um isolamento do marcador “gênero” dos marcadores raça, classe e sexualidade, reproduzindo silenciamentos e apagando perspectivas e experiências intelectuais de mulheres negras, cientistas e militantes.^{XXVI}

Inúmeras obras foram produzidas e assim colocadas como cânones em trabalhos que serviram como lastro para as epistemologias feministas, dentre elas temos *The feminine mystique*, de Betty Friedan, que foi publicado em 1963 e ainda hoje ressoa para alguns grupos como a enciclopédia bársa do feminismo. No entanto a sua obra traz uma série de problemas que permitem e solicitam serem revisados e revisitados.

Revisando a obra de Friedan, percebemos que se trata de uma produção que coloca a ideia de mulher no logro de universalidade, sendo necessária a indagação: quem é essa mulher que reivindica direitos de igualdade e singularidade entre os direitos dos homens e das mulheres? Ao afirmar que “Não podemos continuar a ignorar essa voz íntima da mulher, que

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA INTELLECTUALIDADE QUESTIONADA

MARTINS, D. O.

diz: Quero algo mais que meu marido, meus filhos e minha casa” Friedan incorre no erro comum do reducionismo, nos obrigando a revisita-la para que as teorias e epistemologias criadas, assim como, as que estão por se desenvolver, alcunhem em seu cerne que, singularidade difere de similaridade, e este preço pode ser alto no desenvolver da história e crítica feminista.

As reflexões de muitas feministas foram e ainda são de extrema relevância para o avanço da teoria feminista e seu reconhecimento enquanto ciência, mas é profundamente necessário analisar o modo como esta vem sendo desenvolvida, é basilar observar se esta vem favorecendo ou excluindo seus pares.

Quando se fala em epistemologias feministas assim como da participação de mulheres na ciência, da construção e propagação de suas teorias, é importante se questionar de quais ou por quais mulheres estamos falando. Donna Haraway coloca a importância de fazer uma ciência que veja a partir da periferia e dos abismos, e chama atenção para o perigo da apropriação ou romantização da visão das pessoas menos poderosas.^{XXVII}

De acordo com a filósofa Sueli Carneiro, o racismo epistêmico tem sido um instrumento operacional que tem contribuído fortemente para a consolidação das hierarquias raciais que são produzidas pelo próprio epistemicídio^{XXVIII}. A produção de conhecimento é política, e a produção de conhecimento feminista alçada pelo feminismo negro, tende a trazer para o centro discussões que envolvem as diferenças para além do conceito de gênero, por entende que há uma conexão de múltiplos marcadores intrinsecamente conectados agindo incansavelmente como uma máquina opressora incessante.

Nesse ampliar e pensar, é que entram para a roda as mulheres negras; onde elas se encontravam nesse discurso? Quem eram essas mulheres? Qual/quais mecanismos a tecnologia tirânica usava para lhes oprimir? Não eram elas produtoras de uma literatura vasta e questionadora? Por fim, onde se localizavam as mulheres negras na produção de uma epistemologia feminista?

Grada Kilomba nos diz que é a epistemologia quem determina:

[...] (Os temas) quais temas ou tópicos merecem atenção e quais questões são dignas de serem feitas com o intuito de produzir conhecimento verdadeiro. 2. (os paradigmas) quais narrativas e interpretações podem ser usadas para explicar um fenômeno, isto é, a partir de qual perspectiva o conhecimento verdadeiro pode ser produzido. 3. (os métodos) e quais maneiras e formatos podem ser usados para a produção de conhecimento confiável e verdadeiro.^{XXIX}

Antes de falar em localização, é preciso determinar significados e informar como este sistema denominado epistemologia pode agir. A epistemologia, é uma palavra que vem da aglutinação de dois termos do dialeto grego *episteme*, que significa conhecimento, e *logos*, que significa ciência. Este campo de estudo pode ser definido como uma ciência determinista, direcionada e setORIZADA, com mecanismo que buscam nos informar quem produz conhecimento verdadeiro e a quem será oferecido status de ciência/cientista, assim como, a quem devemos creditar o que chamamos de conhecimento.

Produzir e disseminar saberes que não sejam apenas *sobre* ou *por* mulheres, mas também de relevância *para* as mulheres e suas lutas^{XXX}, este deve ser o objetivo maior do projeto feminista nas ciências, na academia ou fora dela^{XXXI}. É nesse contexto que feministas negras, pautam suas produções, trazendo para o centro temáticas que por séculos foram excluídas e, quando observadas, levadas ao lugar do silêncio.

As mulheres brancas que dominam o discurso feminista – as quais, na maior parte, fazem e formulam a teoria feminista – têm pouca ou nenhuma compreensão da

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA INTELLECTUALIDADE QUESTIONADA

MARTINS, D. O.

supremacia branca como estratégia, do impacto psicológico da classe, de sua condição política dentro de um Estado racista, sexista e capitalista. ^{XXXII}

É essencial e necessário o reconhecimento e validação do poder e das possibilidades de criar caminhos que a crítica feminista negra traz para a construção e discussão de uma nova teoria. Apesar de promover a ampliação da temática para além do universalismo que impregnam a luta feminista, tornando pública as opressões seculares vivenciadas pela mulher, militante e intelectual negra, essa literatura está pautada na promoção das potencialidades da intelectual negra, permitindo a inserção de novos sujeitos na luta pelo reconhecimento e uso desse lugar “marginal” que vislumbra e cria uma contra-hegemonia. É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a sua marginalidade lhes permite ter, é essencial que façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante. ^{XXXIII}

Ainda sobre essa potencialidade epistêmica, militante e intelectual da mulher negra, na construção de uma “nova teoria feminista” Bell Hooks nos diz:

Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na construção da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. A formação de uma teoria e uma práxis feminista libertadora é de responsabilidade coletiva, uma responsabilidade que deve ser compartilhada. ^{XXXIV}

Faz-se necessário que a academia e o movimento feminista compreendam o desenho singular que a produção do conhecimento pautada pelo feminismo negro tem, e cabe a ciência feminista alcançar que uma teoria afrocentrada tem como lema não só a luta, mas a conquista de um espaço e de um movimento libertador, onde se admitem vozes insurgentes, que não aceita, tampouco se permite ser uma voz nula e esvaziada pelo discurso da igualdade e universalidade. A literatura feminista negra revela que muitas intelectuais negras, especialmente aquelas em contato com sua marginalidade em contextos acadêmicos, exploram esse ponto de vista produzindo análises distintas quanto às questões de raça, classe e gênero. ^{XXXV}

Fazer ciência sempre foi uma tarefa possível para poucos, a história nos mostra que este campo de conhecimento se torna mais inacessível quando falamos de uma construção do conhecimento perpetrada por mulheres cientistas negras, pois os exemplos contundentes do machismo na atividade científica aliado ao racismo, insistem que em seu espaço não há lugar para gêneros e raças díspares.

Conhecimento sempre teve como pré-requisito para assim se chamar, ter sido descoberto por um homem, o que provocou um enorme apagamento das habilidades intelectuais e científicas da mulher em toda a história. Se temos recentes e poucos dados de mulheres na ciência, muitos deles provocados pelo efeito Matilda, que surgiu para denunciar casos em que trabalhos realizados por mulheres são atribuídos a homens ou sua participação é diminuída na produção do conhecimento ^{XXXVI}; quando tratamos da temática voltando nosso olhar para o recorte de raça, os dados se tornam ainda mais diminutos ou inexistentes, tamanha é a exclusão de mulheres negras no campo da ciência.

Esse comportamento social esmagador sempre se renova à medida que as barreiras impostas pela estrutura racista e sexista da ciência sofrem rupturas. A partir do reconhecimento de uma fonte feminina negra como produtora de conhecimento é que essa contenda adentra campos similares aos de batalha, um embate ideológico se instaura e o processo violento é iniciado para cercar e excluir esta mulher de um espaço que socialmente não se compreende como seu, pois o lugar da mulher negra deve ser o da subordinação e do servilismo. A história do nosso país contribui para esse olhar de sujeição.

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA INTELLECTUALIDADE QUESTIONADA

MARTINS, D. O.

Relacionar o conhecimento a um corpo feminino negro é algo que o racismo e sua disputa de classe não aprenderam a respeitar, validar e reconhecer. O sistema racista e patriarcal que circunda o campo científico, a todo instante minimiza as produções e epistemologias produzidas por mulheres negras, e quando não obtém sucesso em seu projeto, o comportamento patriarcal, branco e de classe busca contaminá-lo.

É mediante essa questão que se indaga: o que é de fato uma produção intelectual? Quem estabelece os parâmetros de intelectualidade? Literatura é somente aquilo que é desenvolvido na academia e por homens brancos que seguem os cânones, estando o que é produzido fora dela destinado ao apagamento e descrédito científico-educacional?

No traçado da história nossa nação irmã África, uma nação de costumes e conhecimento que utilizou a oralidade como ferramenta para transmissão de conhecimento, sempre foi apontada como uma nação sem história, o continente Europeu com seus tombos seculares definiu que se não há registros escritos, não há história, não há passado; e se não há passado, não há conhecimento. Esse arquétipo imagético que o racismo instaurou em nossa sociedade, se estabelece hoje com aparatos ainda mais fortes que, preto/preta não pensa. Se na estrutura da pirâmide social a mulher preta está abaixo do homem negro, esta jamais pode ser reconhecida como alguém capaz de construir, descobrir e teorizar.

Apesar dos indicadores, e ainda que o sistema possua uma parcela contributiva em dificultar o seu processo de ascensão e qualificação intelecto-profissional, o corpo dissonante passa a se perpetuar nos grandes centros intelectuais como as universidades, movimentos de classe e grupos de estudos, refutando a ideia que sempre se buscou legitimar sobre a mulher negra, colocando-a como um ser não pensante, incapaz de atuar e produzir arcações intelectuais significativos para a sociedade.

O mecanismo de apagamento começa a ser combatido e publicizado em diversas literaturas com a chegada da mulher negra na academia, que passa a ocupar, ainda que de maneira minoritária, o posto de cientista, produzindo conhecimento e utilizando o ensino como ferramenta para difundir pensamentos e teorias que lhes são pertinentes, a fim de reformular as estruturas binárias e exclusivistas que a academia carrega ao longo dos séculos.

Num processo de resistência, intelectuais negras têm buscado caminhos próprios e singulares, não só para seus processos de intelectualidade, mas também para abrir caminhos para outras mulheres negras que buscam construir uma epistemologia negra liberadora. Esse lugar marginalizado vivenciando na academia por essas cientistas, lhes confere o *status* de *outsider within*, onde estas podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginais cujos pontos de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo.^{XXXVII}

A agora cientista e produtora de conhecimento, inicia um processo que Mignolo chama de desobediência epistêmica. O trabalho é legitimar a ideia que se não houver movimento de mudança dentro dos centros de formação intelectual e, por conseguinte identitárias, as academias continuarão a ser um espaço de segregação humana, de perpetuação dos pensamentos eurocentrados e falocêntricos, que são característicos de sua formação.

Ocupar esse espaço não é fácil, pois nesse contexto os negros e de maneira bem específica a docente negra, enfrentam preconceitos, por ser um reduto formado quase que integralmente por professores brancos, onde os poucos negros (as) existentes são isolados e enfrentam várias formas de estigmatização no cotidiano, ratificado assim a academia como uma extensão da repressão por gênero, raça e classe tão presente na sociedade.

Os citados embates foram preconizados por grandes intelectuais negras no hemisfério norte, como dito por Collins, assim como no de Angela Davis, Alice Walker, Audre Lorde e

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA INTELLECTUALIDADE QUESTIONADA

MARTINS, D. O.

outras feministas negras, que em suas obras revelam fortemente essa trama que a interseccionalidade incide sobre a intelectual negra na ciência.

As mulheres negras têm uma perspectiva singular na sua produção, pois o pensamento negro feminista produz “de” e “para” seus pares, uma vez que as suas ideias são produzidas a partir de suas vivências, observações e produções, um corpo que fala com propriedade e conversa com seus pares de forma linear e horizontal.

Alguns sujeitos têm um grau de privilégio, e as mulheres negras têm um grau de privilégio para criticar a opressão classista, racista e sexista; podendo usar esse espaço para contrapor esses sistemas de opressão. Raça e classe criam muito mais diferenças no estilo de vida que outros pontos e esses marcadores fazem parte da experiência dolorosa que a disputa de gênero apresenta em sua ação enquanto cientista.

Ao falarmos o que se define como conhecimento e o que a academia reconhecer como ciência e assim legítima, percebemos uma profunda relação com o processo de escravidão. Afirmo com grifos garrafais que o racismo fez uma encomenda para a ciência, solicitando que ela fosse fundante dos estudos que tinham como finalidade justificar a escravidão, a subalternidade da população negra e de maneira mais específica, com a mulher, na deslegitimação da sua capacidade intelectual no fazer, produzir e disseminar conhecimento.

O aquilombamento intelectual, é um pacto de força criado por essas mulheres para que se mantenham vivas e atuantes dentro do seu propósito de fazer ciência com identidade. Parece algo tão absurdo, mas o colonialismo e o epistemicídio as obrigam a incorrer por mecanismos tão antigos, que lembram a importância de se entender o conceito de comunidade, assim como acontecia nos quilombos no período escravocrata.

Notas

^I Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo PPGNEIM-UFBA, vinculado ao grupo de pesquisa Gênero, Ciência e Educação, onde desenvolve estudos que tratam sobre as relações de gênero e raça nos espaços acadêmicos com ênfase em educação, formação e trajetória de vida de docentes negras nos espaços acadêmicos de formação.

^{II} Tendo como nome de batismo era Isabella Baumfree, Sojourner Truth foi uma sufragista, abolicionista e ex-escravizada, que em um discurso memorável versou sobre a intersecção entre o sufrágio feminino e os direitos dos negros na primeira convenção de Convenção das Mulheres de Ohio em 1851, onde proferiu a frase emblemática “Sou eu uma mulher?” ao não se perceber contemplada nos discursos e temáticas da convenção. Discurso com tradução feita por: Osmundo Pinho Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Cachoeira)/University of Texas (Austin). Disponível em: <http://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/#gs.GZ04lkg>.

^{III} Munanga, 2003.

^{IV} Carneiro, 2014.

^V Aníbal Quijano apud. Cardoso, 2012.

^{VI} Carreira. et Al. 2016.

^{VII} Alzandua, 2000 p. 229.

^{VIII} Diante de uma intensa luta voltada apenas para questões raciais, temática presente dentro do Movimento Negro Unificado, e de gênero existente no Movimento Feminista, as mulheres negras entenderam que as pautas agenciadas dentro dos respectivos movimentos não dialogavam com as suas necessidades. Pensar em um movimento onde a intersecção de gênero, raça e classe estivesse presente na luta era uma necessidade urgente, surge então uma coalisão de mulheres negras dentro destes movimentos para assim lançar mão de estratégias e exigir por políticas públicas e sociais que lhes proporcionassem mudanças e atenuassem as diferenças baseadas em marcadores de gênero, raça, classe.

^{IX} Cardoso, 2012.

^X Carneiro, 2014.

^{XI} Ibid, 2014.

-
- XII Gonzales, 1984.
 XIII Carneio, 2014.
 XIV Bandeira e Melo, 2010, p. 9.
 XV Carneiro, 2014.
 XVI Hirata, 2014.
 XVII Keller, 2006.
 XVIII Rago, 1998.
 XIX Lowy, apud Hirata, 2014, p. 62.
 XX Keller, 2006).
 XXI Curiel ppud. Cardoso, 2012.
 XXII Crenshaw, 2002.
 XXIII Reis, 2017, p. 2.
 XXIV Lugones, apud. Cardoso, 2008, p. 82.
 XXV Carneiro, 2014.
 XXVI A obra de Lélia Gonzalez “Por um feminismo afro-latino-americano aprofunda a temática.
 XXVII Reis, 2017.
 XXVIII Carneiro, 2005.
 XXIX Kilomba, 2008, P.05.
 XXX Oakley, 1998.
 XXXI Sardemberg, 2001.
 XXXII Hooks, 2015, P.196.
 XXXIII Ibid, 2015, P.196.
 XXXIV Ibid, 2015, P.208.
 XXXV Collins, 2016.
 XXXVI Rossiter, apud. Pereira, 2021.
 XXXVII Collins, 2016.

Referências bibliográficas

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *O método autobiográfico com produto de sentidos: a invenção de si*. In: Revista Actualidades Pedagógicas N.º 54 / Julio – diciembre, 2009.
- BANDEIRA, Lourde; MELO, Hildete Pereira de. *Tempos e Memórias do Feminismo no Brasil*, Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM. Brasil, 2010.
- ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. In: Revista de Estudos Feministas ano 8, 1º semestre, 2000.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. *Memória, Experiência e Narrativa*. In: Iluminuras, Porto Alegre, v.12, n. 29, p. 4-17, jul./dez, 2011.
- CRNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. Acesso em novembro 2021.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CARDOSO, Claudia Pons. *OUTRAS FALAS: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. Tese (doutorado) – (Cap.3 parte I – Descolonizando o feminismo: p. 88-111) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PPGNEIM, 2012.

CRENSHAW, kimberlé. *Documento para e Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero*. In: Revista Estudos Feministas ano 10, 1º semestre, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Revista Estudos Feministas. v. 10, n. 1, 2002.

DUARTE, Nathalia de Ávila. *"Você está no lugar errado": a fronteira entre harmonia e tensão racial no Brasil*. In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto, Natal/RN, 2014.

GOMES, R. (Orgs.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

GONZALES, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HIRATA, Helena. *Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais*. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 1, 2014.

HILL COLLINS, Patricia. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. Sociedade & Estado. vol.31, n.1, p.99-127, 2016.

HOOKS, Bell. *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril p.193-210, 2015.

KELLER, Evelyn Fox. *Qual foi o impacto do feminismo na ciência?* cadernos pagu (27), julho-dezembro p.13-34, 2006.

MACEDO, Márcia dos Santos. *Na Trama Das Interseccionalidades: Mulheres Chefes de Família em Salvador*. Universidade Federal da Bahia, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de S. *O desafio da pesquisa social*. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Orgs.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. OAKLEY, Ann. "Science, Gender, and Women's Liberation: an argument against postmodernism. Women's Studies International Forum, New York, Vol. 21, No. 2, , pp.:133-146, 1998.

PEREIRA, Carolina Q. Santana e Letícia dos S. *O caso Alice Ball: uma proposta interseccional para o Ensino de Química*, Quím. nova esc. – São Paulo-SP, 2021.

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história*. Pedro, Joana; Grossi, Miriam (orgs.) - MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed. Mulheres,1998.

REICHMANN, Rebecca. *Mulher negra brasileira um retrato*. Revista de Estudos Feministas, Ano 3, 2º semestre, Florianópolis, 1995.

REIS, Nathália Dothling. *Mulheres Negras e o Pensamento Científico*. Cadernos de Gênero e Diversidade, Vol 03, N. 04 - Out. – dez, 2017.

MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA: UMA INTELECTUALIDADE QUESTIONADA

MARTINS, D. O.

ROSA, Katemari. *"Gender, ethnicity, and physics education: Understanding how Black women build their identities as scientists"* na Columbia University, New York, 2012.

SARDENBERG Cecilia Maria Bacellar. *Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?* X Encontro da REDOR NEIM/UFBA, Salvador, 29 de outubro a 1 de novembro de 2001.

SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Tradução de Raul Fiker. Bauru, SP: EDUSC, 2001.